UM COMENTÁRIO SOBRE O CONCEITO DE TELEOLOGIA NA *CIÊNCIA DA LÓGICA* DE HEGEL

A COMMENTARY ON THE CONCEPT OF TELEOLOGY IN HEGEL'S SCIENCE OF LOGIC

Jacquelyn da Silva Souza*

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo examinar o conceito de teleologia na *Ciência da lógica* de Hegel, procurando compreender a maneira pela qual este conceito acessa a liberdade, segundo o seu movimento especulativo. A investigação se fundamenta na perspectiva de que as atividades externa e interna da teleologia constituem, neste momento da lógica hegeliana, uma atividade silogística orientada à Ideia e, com isso, à existência livre do conceito. A partir dessa leitura, é possível interpretar este momento da *Ciência da lógica* enquanto um motor no interior da doutrina do conceito, no sentido de que a teleologia comporta uma capacidade de atualização associada ao seu próprio movimento especulativo. Para tanto, o presente comentário se organiza em três momentos: inicialmente, reconstruímos brevemente o ponto de partida kantiano mobilizado por Hegel para pensar a teleologia; em seguida, examinamos o desenvolvimento da resposta hegeliana e o sentido de *universal concreto* que ele atribui a esse conceito e a sua articulação com a liberdade; por fim, investigamos as referidas atividades interna e externa da teleologia.

PALAVRAS-CHAVE: Teleologia; Ciência da lógica; Conceito; Liberdade

ABSTRACT: The present article aims to examine the concept of teleology in Hegel's *Science of Logic*, seeking to understand how this concept provides access to freedom through its speculative movement. The investigation is based on the view that the external and internal activities of teleology constitute, at this stage of Hegel's logic, a syllogistic activity oriented toward the Idea and, consequently, toward the free existence of the Concept. From this perspective, it is possible to interpret this moment of the *Science of Logic* as a driving force within the Doctrine of the Concept, insofar as teleology embodies a capacity for actualization associated with its own speculative movement. To this end, the article is organized into three parts. First, it briefly reconstructs the Kantian point of departure mobilized by Hegel in his account of teleology. It then examines the development of Hegel's response, the meaning of the *concrete universal* that he attributes to this concept, and its articulation with freedom. Finally, it investigates the aforementioned internal and external activities of teleology.

KEYWORDS: Teleology; Science of Logic; Concept; Freedom

Introdução

No último volume da *Ciência da lógica*, a Doutrina do Conceito, Hegel situa o conceito de teleologia na terceira parte da seção da objetividade, a qual se subdivide em três movimentos: o fim subjetivo (*Der subjektive Zweck*), o meio (*Das Mittel*) e, por fim, a finalidade executada

* Mestranda no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. E-mail: jacquelyn.souza@usp.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0006-8632-287X. Este artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica financiada pela Fapesp (processo n. 2023/15759-4) e de um estágio de pesquisa realizado na Humboldt-Universität zu Berlin no âmbito de uma bolsa BEPE-Fapesp (processo n. 2024/13632-0). Agradeço aos pareceristas, à Fapesp e à equipe editorial da REH. Em especial, sou grata ao grupo de pesquisa "Filosofia e Teoria Crítica", coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Repa, pela crítica rigorosa e pelo generoso apoio.

(*Der ausgeführte Zweck*).[1] As duas primeiras partes da seção tratam do *Mecanismo* e do *Quimismo*. Veremos, em primeiro lugar, como Hegel situa estes dois momentos na lógica, para podermos, então, diferenciar o tratamento em relação ao conceito de teleologia e entrever a concepção de liberdade que se associa a ele. Na parte dedicada ao *Mecanismo*, Hegel descreve:

> O caráter do *mecanismo* é constituído por isto: seja qual for a relação que tem lugar entre os [termos] combinados, esta relação lhes é uma relação *alheia*, que não concerne minimamente à sua natureza e, ainda que ela esteja conectada com a aparência de um uno, nada mais permanece do que *composição*, *mistura*, *agregação* etc.[2]

O mecanismo estabelece uma relação exterior com os elementos que, entre si, possuem alguma combinação; esta relação, por sinal, não diz respeito nem mesmo à sua natureza. No mecanismo material e no mecanismo espiritual, Hegel afirma que os termos relacionados, ainda assim, permanecem externos uns em relação aos outros e ao próprio mecanismo: falta, aqui, a presença da *autodeterminação* propriamente e, com isso, a *liberdade* da individualidade. Quando a ação do mecanismo se internaliza e se une, temos então a presença do *quimismo*, que se estabelece, no interior do conceito, como o momento do juízo, da diferença e do processo que se tornaram efetivamente objetivos. Já o Quimismo, nesse esteio, se distingue do mecânico, sobretudo porque o mecanismo se projeta enquanto totalidade que é indiferente à determinidade – principalmente por sua articulação de ser externo, de estar alheio às combinações dos termos. Assim, diferentemente do mecanismo, no objeto químico, a determinidade e as relações entre os termos pertencem à sua natureza.[3]

Estas partes abrangem, de modo geral, a atividade de um conceito que se encontra ainda imerso na exterioridade: dito de outro modo, trata-se de um momento intimamente relacionado às funções de *causalidade e efeito imediatas* presentes na natureza. O conceito, nesses âmbitos, segue as leis gerais da natureza e se orienta por uma imposição causal colocada por uma funcionalidade mecânica e química. Ele estaria circunscrito, neste contexto, a uma não-liberdade, amparado apenas por uma necessidade natural. Em contrapartida, é na teleologia que o conceito

[1] Neste texto, utilizaremos duas versões da obra em questão: a edição publicada pela editora *Felix Meiner Verlag* de 2003, que tem como base a edição acadêmica pertencente à *Gesammelte Werke* (volume 12) e a tradução brasileira da editora Vozes, de 2018. Para a referência brasileira, usaremos CL na citação, para a alemã, GW 12. As referências bibliográficas completas podem ser encontradas ao final do artigo.
[2] HEGEL, CL, 2018, p. 187; GW 12, p. 133.
[3] HEGEL, CL, 2008, p. 205; GW 12, p. 146-148.

acessa a liberdade em sua própria existência,[4] sendo a finalidade o seu próprio modo de existir e agir. Ela estaria, inicialmente, contraposta ao mecanismo e ao quimismo, pois não seguiria cegamente aos ditames das leis gerais e das necessidades naturais, visando, por si mesma, a liberdade do conceito.[5] Será apenas no momento da teleologia que o conceito conseguirá acessar a objetividade finalmente, articulando com ela, como veremos a seguir, a sua realização plena.

A partir da breve diferenciação entre o conceito de teleologia e os conceitos de mecanismo e quimismo no contexto da objetividade na *Ciência da lógica*,[6] temos o objetivo de compreender como o conceito de teleologia, a partir do interior do conceito, constitui a sua articulação com a objetividade e acessa a liberdade na sua própria existência. Nosso intuito é então explicar como a teleologia alcança o plano puramente conceitual, livre de determinações externas, a partir da sua própria estruturação na *Ciência da lógica*. Veremos como a teleologia apresenta uma perspectiva que nos possibilita escapar do determinismo causal produzido pelo mecanismo e quimismo. Esta perspectiva ressalta o papel da liberdade no agir teleológico e explora o movimento do próprio conceito na lógica, revelando, por assim dizer, como a própria liberdade é anteposta no acontecer do conceito mesmo e, portanto, no seu processo de tradução no mundo.

Iniciando com a questão sobre em que medida a *ideia de mundo* deve ser compreendida enquanto um mecanismo cego, orientado pelas necessidades imediatas e pelo ordenamento natural, ou enquanto um entendimento que se determina segundo finalidades, Hegel elabora um caminho argumentativo que toma como ênfase a ação da finalidade como perspectiva *livre* na existência do conceito. Nesse sentido, ao tratar a teleologia enquanto um *universal concreto*, que se rearticula e se refaz ao alcançar a objetividade, ela, ao mesmo tempo, realiza o silogismo e se silogiza consigo mesma. Para tornar este percurso mais claro, realizaremos o seguinte caminho: primeiro, abordaremos o ponto de partida kantiano, que aparece no início do capítulo

[4] Devemos lembrar, neste ponto, que a *liberdade*, enquanto característica constitutiva do conceito, já aparece anteriormente na *Ciência da lógica*. No entanto, o acento que aqui queremos trabalhar reside especificamente no papel da teleologia e na sua realização propriamente *livre* em direção à Ideia.
[5] Examinaremos a contraposição entre estes conceitos mais adiante.
[6] Esta diferenciação serviu, de modo geral, para compreendermos o quadro no qual se instaura a discussão acerca da teleologia na lógica hegeliana. Como a teleologia se mostrará – ao decorrer do texto – enquanto um terceiro elemento na cadeia de relações que articulam a objetividade do conceito, entendemos que uma breve reconstrução do mecanismo e do quimismo corroborará para a presente interpretação.

estudado e instaura, de um certo modo, a questão filosófica à qual Hegel se dedicará em responder; posteriormente, em um segundo momento, examinaremos a resposta do filósofo, sobretudo no que diz respeito à noção de *universal concreto* e *liberdade* na realização da teleologia, que se distanciará, portanto, da resolução kantiana; por último, examinaremos os desdobramentos da teleologia na lógica, bem como a sua dimensão externa e interna, que integram, de modo geral, a sua atividade processual.

1. O ponto de partida kantiano

Ainda no início de sua exposição acerca da teleologia,[7] Hegel descreve: "A antinomia do *fatalismo* com o *determinismo* e da *liberdade* concerne igualmente à oposição do mecanismo e da teleologia; pois o livre [*das Freie*] é o conceito em sua existência".[8] O movimento de elaboração interno do conceito de teleologia não se inscreve em um percurso determinado por princípios mecânicos ou deterministas. É nesse sentido que podemos compreender, de uma certa maneira, que o funcionamento deste conceito, no contexto da *Lógica*, põe um sentido sempre em curso, em um processo que *se consuma e se consome* na medida em que as determinações internas ao próprio conceito se realizam, como veremos de maneira mais aprofundada. Significa dizer, basicamente, que ele não se orienta segundo as necessidades naturais, mas visa ele mesmo a liberdade do próprio conceito inteiramente. Assim, ao analisarmos este movimento e a sua dupla atividade – interna e externa – mobilizaremos certo aspecto processual do conceito estudado que nos permita realizar um exercício hermenêutico e captar o seu caráter dinâmico. Pretendemos, inicialmente, compreender o ponto de partida mobilizado por Hegel para construir o seu posicionamento na discussão sobre a teleologia, a qual se vincula a uma tradição filosófica específica: é a partir da crítica ao juízo reflexionante de Kant que Hegel se situa no presente debate filosófico.

[7] Durante o capítulo estudado, Hegel emprega três termos para designar a finalidade: *die Zweckmäßigkeit*, *der Zweck* e *die Teleologie*. Para o primeiro conceito, *Zweckmäßigkeit*, costuma-se traduzir, na literatura de comentário brasileira, como *conformidade a fins*, ou seja, enquanto adequação a alguma finalidade ou atividade conforme a um fim; para o segundo conceito, *Zweck*, a tradução costuma ser *fim* ou simplesmente *finalidade*; e, por último, para o terceiro conceito, *Teleologie*, a tradução é teleologia, como esperado. Ao longo do texto, indicaremos os termos em alemão, sobretudo nas citações, sempre que houver possibilidade de ambiguidade na tradução.
[8] HEGEL, CL, 2018, p. 213; GW 12, p. 154.

Kant já havia proposto caminhos para o problema da finalidade na *Crítica da faculdade de julgar*.[9] Ao considerar a questão, o filósofo enfatizou a antinomia entre *teleologia* e *mecanismo*; por outro lado, ao mesmo tempo, contribuiu significativamente para a expansão da discussão e do debate acerca do tema e, sobretudo, da teleologia interna, como o próprio Hegel reconhece no texto aqui estudado.[10] Em Kant, a faculdade da razão procura um acordo entre as leis do entendimento em relação à natureza – ou o mecanismo das regularidades naturais e a tendência de seu funcionamento – e as leis da razão voltadas para a liberdade em relação à teleologia. A solução kantiana, segundo Hegel, recai numa antinomia: a natureza mecânica, compreendida sob princípios físico-naturais, não contempla a teleologia, dissolvendo a situação em uma contraposição entre o mecanismo natural e a finalidade. As máximas desta antinomia, assim, não coexistem racionalmente e recaem em uma contraposição de determinações:

> A primeira máxima dessa dialética é a tese: toda geração de coisas materiais e de suas formas tem de ser julgada como sendo possível segundo leis meramente mecânicas. A segunda máxima é a antítese: alguns produtos da natureza material não podem ser julgados como possíveis segundo leis meramente mecânicas (seu julgamento requer uma lei inteiramente diversa da causalidade, a saber a das causas finais) [*der Endursachen*].[11]

A nossa razão, segundo Kant, não está em condições de conciliá-las, mas somente a faculdade de julgar enquanto juízo reflexionante. Para Hegel, Kant vislumbra os limites dos elementos colocados em contraposição, mas não os concilia, distanciando qualquer resolução efetiva para além da subjetividade.[12] Aponta, ainda, que a dissolução da antinomia definida é a mesma dissolução encontrada em outras contraposições, a saber:

---

[9] Uma exposição detalhada que comparasse os posicionamentos de Kant e Hegel sobre a questão da teleologia exigiria um espaço próprio em outro texto. Com a discussão que aqui apresentamos, temos o objetivo apenas de compreender qual é *o ponto de partida* que Hegel utiliza para propor a sua leitura quanto ao conceito tratado e o seu modo de desenvolvimento.

[10] É importante notarmos certa dubiedade no reconhecimento por parte de Hegel em relação à contribuição kantiana. Apesar de, com efeito, elogiar o avanço de Kant ao vislumbrar o conceito de *vida* ao alcançar a finalidade interna, Hegel enfatiza o problema de conceber a teleologia apenas como um juízo e concede à vida lógica ainda um lugar no interior da própria Ideia.

[11] KANT, I. **Crítica da Faculdade de Julgar**. §70, 387 - 388. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p. 282.

[12] Importante ressaltarmos que, no interior da filosofia kantiana, o princípio do juízo reflexionante exerce uma função fundamental na construção de seu sistema e, com isso, o sentido subjetivo transcendental, que Hegel critica significativamente, torna possível a consideração de ambas as categorias, a saber, da necessidade e da liberdade. O mecanismo, em Kant, não pode fornecer qualquer fundamento de explicação para a organização dos seres organizados, por exemplo. A condição que se instaura, assim, é o uso regulativo das causas finais. Este uso, no entanto, não se ampara em uma lei, pois o sentido do juízo reflexionante é justamente este: onde há indeterminação, eu

> que a razão não poderia provar nem uma nem a outra proposição, porque da possibilidade das coisas segundo leis meramente empíricas da natureza nós não podemos ter nenhum princípio determinante a priori – que, portanto, além disso, ambas não têm de ser vistas como proposições objetivas, mas como máximas subjetivas segundo as quais eu deveria, por um lado, sempre refletir sobre todos os acontecimentos naturais conforme o princípio do mero mecanismo natural, mas isso não impediria na ocasião oportuna de investigar algumas formas naturais segundo uma outra máxima, a saber, segundo o princípio das causas finais [*der Endursachen*] [...][13]

Para Hegel, a partir dessa perspectiva não se investiga ou se considera efetivamente qual de ambos os princípios tratados teria a verdade em si e para si, uma vez que é indiferente se estes princípios devam ser tomados como objetivos ou não. Trata-se, por outro lado, de um conhecer subjetivo, necessariamente contingente: podemos aplicar qualquer uma das máximas em ocasiões oportunas, conforme a adequação de uma por outro objeto selecionado. Hegel aponta, ainda, que Kant não pergunta pela verdade dessas devidas determinações, sejam elas próprias dos objetos ou do conhecer mesmo.

Apesar de a solução kantiana negar que o princípio teleológico, ou da finalidade, possa proporcionar objetividade aos conhecimentos de um dado objeto, já que esse princípio serviria apenas para encontrar um hipotético universal que o entendimento não consegue acessar e que nos permite refletir sobre a multiplicidade como contida no universal, foi na relação entre o mecanismo da natureza e da teleologia que Kant estabeleceu a distinção entre as *finalidades externa e interna*, inaugurando o conceito de *vida*. A partir desta reflexão, Kant "elevou" a filosofia acima das determinações relativas do mundo metafísico. Assim, para Hegel, a ideia imediata é a própria vida lógica, que se desdobra a partir da atividade da finalidade interna: de modo geral, do ponto de vista do entendimento kantiano, a vida é compreendida como um mistério quase que inconcebível.[14] O processo da vida, para Hegel, consiste em superar a imediatez

posso pensar de alguma maneira e, então, atribuir interpretação, mas não designar conhecimento científico objetivo. Para Kant, a antinomia entre a explicação mecânica e a teleológica é apenas aparente, uma vez que a dialética dissolve o conflito, o dilui, pois ela consiste numa confusão ao trocar pelo juízo determinante o juízo reflexionante. Estas proposições, assim, no sistema kantiano, devem ser apenas máximas subjetivas e, portanto, podem coexistir e regular a nossa faculdade sem que haja um conflito insolúvel. Como veremos, o mesmo não se estabelece em Hegel, que propõe outra saída. KANT. 386-389, 2016, p. 281-283.

[13] HEGEL, CL, 2018, p. 218; GW 12, p. 158.

[14] Esta é, em linhas gerais, a posição hegeliana frente às contribuições de Kant em relação à teleologia. No entanto, devemos pontuar que há uma larga discussão sobre os temas de *sistema e organismo* na filosofia de Kant desde a *Crítica da razão pura* até a terceira crítica, ou mesmo em outros escritos. Hegel, neste momento da *Ciência da*

em que ela é posta.[15] Ao traçar o caminho em direção à vida, podemos compreender que Kant vicejou o caminho da reconciliação entre o percurso da explicação mecanicista, segundo a regularidade físico-natural, e o fundamento teleológico. No entanto, a contraposição colocada por ele imergiu na subjetividade reflexionante.

No capítulo sobre a vida, ainda, Hegel procura apresentar como a finalidade interna é pressuposta para a realização da finalidade externa. Esta perspectiva é enfatizada por Karen Koch, em seu livro *Denken in Zwecken*, que nos aponta a um horizonte interpretativo fundamental para a presente questão mobilizada. A partir desse horizonte, podemos compreender como esta parte da lógica, sobretudo a parte concernente à teleologia, nos revela condições estruturais para a consolidação de sentidos finalísticos em relação ao conceito. Esta é uma chave interessante para a nossa leitura, pois envolve uma instância de atualização da finalidade interna que contempla já uma esfera pertencente ao caráter externo do próprio conceito. Hegel, para a autora, não está interessado – no que se refere ao sentido de *vida* – nos indivíduos vivos empiricamente, mas nas estruturas de adequação interna que se expressam nele e que carregam sua atualização. Isso significa que a realidade da finalidade interna, da vida, é um pressuposto para a realização da finalidade externa; o *lógico*, assim, nos revela as condições estruturais que devem estar presentes e constituir, de modo geral, as condições prévias para a realização da finalidade externa.[16] As condições para a sua atualização constituem, de modo geral, a sua característica propriamente livre.

No campo da literatura hegeliana mais recente, Karen Ng se situa relativamente próxima a essa perspectiva. Para a autora, Hegel se apropria do conceito de finalidade interna sobretudo na filosofia kantiana, entendendo que, com isso, o trabalho negativo da primeira *Crítica* não está isolado, mas requer uma explicação positiva do conceito de vida como parte do mesmo

lógica, ao que parece, está considerando a discussão sobre a vida apenas a respeito da contraposição entre necessidade e liberdade quando se volta ao texto de Kant.

[15] Não iremos abordar, ao menos de maneira aprofundada, a questão do *organismo vivo* em Hegel, uma vez que nos preocuparemos em compreender o conceito de teleologia segundo alguns princípios já mencionados no presente texto. Por outro lado, é importante reconhecer que a teleologia, sobretudo o seu conteúdo interno, apresenta uma relação intrínseca à discussão da vida lógica e, com isso, à dimensão dos organismos no plano da *Ciência da lógica*. Vamos nos ater no terceiro momento deste texto aos desdobramentos do capítulo aqui estudado, por causa do caráter fundamental entre esses dois conceitos, que vislumbram, de fato, a vida lógica em seu horizonte especulativo.

[16] KOCH, K. **Denken in Zwecken**. Hamburg: Felix Meiner Verlag. Hegel-Studien Beiheft 75, 2023.

projeto filosófico. Ainda que a contraposição colocada por Kant tenha se abrigado na subjetividade reflexionante, a autora ressalta que a finalidade interna é, em verdade, a solução da antinomia entre *necessidade* e *liberdade*, e que se expressa do mesmo modo entre o *mecanismo* e a *teleologia*. É a partir da finalidade interna que Hegel se apropria da proposta kantiana e vislumbra, com isso, conhecer a universalidade concreta. Em *Life and the Space of Reasons: On Hegel's Subjective,* Ng defende que a finalidade interna possui uma certa primazia em relação à finalidade externa e que o seu desdobramento nos leva necessariamente ao conceito lógico de vida como a forma imediata da Ideia. De modo geral, Ng seguirá algumas noções: a finalidade interna é interpretada como uma forma da atividade-da-vida e ela deve ser compreendida enquanto base para a atualidade do juízo (a que, segundo a autora, Hegel se refere como o lado positivo dos objetos negativos da primeira crítica).[17]

De todo modo, nos parece possível afirmar que a apropriação de Hegel parte da concepção de que a finalidade caracteriza, em linhas gerais, uma certa relação entre conceitos e objetos, sendo esta relação necessária e interna, e não externa e contingente, imposta apenas por um juízo que diz respeito apenas a um sujeito e a um predicado. Por causa disso, grande parte do capítulo da teleologia na *Ciência da lógica* é construída sob a crítica de Hegel às concepções de finalidade que se apoiam em um "arquiteto" do mundo. Com isso, podemos agora compreender como Hegel pretende responder a Kant, sem descartar totalmente sua contribuição ao debate, mas considerando efetivamente o problema da liberdade entre a finalidade externa e a finalidade interna.

2. A teleologia enquanto universal concreto

É nesse esteio, portanto, que Hegel situará os conceitos de finalidade externa e finalidade interna sob a ótica da lógica especulativa. No início do capítulo sobre a teleologia, na *Doutrina do conceito*, Hegel expõe a maneira pela qual se costuma compreender o problema teleológico: a teleologia é colocada em contraposição ao mecanismo, que recai na oposição entre *causis efficientibus* e *causis finalibus*. Ou seja, a questão colocada se fundamenta na investigação sobre em que medida a substância do mundo deve ser compreendida enquanto um

[17] Life and the Space of Reasons: On Hegel's Subjective Logic In: **Hegel Bulletin**, The Hegel Society of Great Britain, 2018. Entendemos que este posicionamento, guardadas as devidas proporções, nos aproxima da tese defendida por Márcia Zebina da Silva, como exploraremos mais adiante.

mecanismo cego, segundo uma ordenação natural, ou enquanto um entendimento que se determina segundo finalidades. Essa é a antinomia, anteriormente mencionada, entre o fatalismo e a liberdade (ou podemos dizer, entre a necessidade e a liberdade), que corresponde à antinomia entre o mecanismo e a teleologia. Hegel, nesse contexto, compreenderá que o "livre será o conceito em sua própria existência"[18] e será a partir desta concepção que o filósofo construirá uma argumentação especulativa para a questão em aberto.

Se as categorias de mecanismo e teleologia se contrapõem, então elas não podem ser consideradas enquanto igualmente válidas, uma vez que cada uma comporta um conteúdo verdadeiro, de modo que tudo dependeria, se assim fosse, da simples aplicação destes conceitos. Ao contrário da concepção kantiana já mencionada, Hegel enfatiza a necessidade de nos indagarmos a respeito da validade de ambos os conceitos: em qual está a verdade; ou melhor: o que seria uma pergunta "autenticamente superior", a saber, se a verdade deles é um terceiro ou se um é a verdade do outro. Nesse esteio, o mecanismo e o quimismo são compreendidos a partir de uma necessidade natural, pois o conceito não existe no objeto do mecanismo (justamente por ele ser mecânico) e, por isso, não há nele autodeterminação, mas apenas determinações externas. No caso da teleologia, ela está presente na própria existência do conceito. Aqui reside a sua articulação estratégica no interior do conceito mesmo:

> Aquilo que se apresentava como quimismo é tomado em conjunto com o *mecanismo* na medida em que a finalidade [*der Zweck*] é o conceito na existência livre e se lhe contrapõe em geral a falta de liberdade do mesmo, seu ser mergulhado na exterioridade; ambos, mecanismo assim como quimismo, são reunidos, portanto, sob a necessidade natural na medida em que, no primeiro, o conceito não existe no objeto, porque este, enquanto objeto mecânico, não contém a autodeterminação.[19]

De forma contrária a Kant, Hegel reforça o lugar articulador da finalidade no capítulo em questão: ela é superior a um entendimento que determina exteriormente a multiplicidade dos objetos – como seria em Kant –, uma vez que ela se *concretiza* em uma unidade em si e para si, de modo que as determinidades indiferentes dos objetos se tornam essenciais nesta

[18] HEGEL, CL, 2018, p. 213; GW 12, p. 154.
[19] HEGEL, CL, 2018, p. 214; GW 12, p. 154-155.

própria relação construída no interior da finalidade.[20] O conteúdo da teleologia é fundamental, pois ele já pressupõe um conceito, um determinado que é em si e para si e, então, *autodeterminante*. Neste processo, a finalidade apresenta uma totalidade infinita dentro de si mesma, "especialmente, se o agir que opera segundo fins [*Zwecken*] é assumido como vontade e entendimento absolutos".[21]

A questão que inicialmente afeta o lugar articulador da teleologia se baseia em sua aparição inicial, pois de imediato, a finalidade constrói uma relação com os objetos de modo contingente e externo a eles. Isto resulta, diz Hegel, em uma teleologia constituída de uma liberdade restrita, baseada numa relação de necessidade externa somente. Esta desvantagem formal na qual a teleologia primeiramente se encontra se deve ao ato, já descrito anteriormente por Hegel, de conhecer os objetos pelos seus conceitos; parecendo, numa primeira vista, "uma transgressão injustificada"[22] em direção ao heterogêneo, enquanto, para o mecanismo, a determinidade de um objeto é colocada externamente nele. É assim que o conteúdo da teleologia se torna algo dado exteriormente ao conceito na multiplicidade ou no mundo objetivo.

É nesse sentido que, a partir das antinomias kantianas, todo o esforço reflexivo realizado poderia ser poupado, porque no fim, todo o trabalho especulativo seria limitado em apenas afirmar proposições contrapostas. Ainda, Kant atribui ao princípio teleológico uma faculdade reflexionante do juízo, sendo um integrante regulador do conhecimento e jamais constitutivo: a partir dele, podemos pensar acerca do objeto, mas antes de tudo, temos de ter consciência da impossibilidade de saber algo sobre este mesmo objeto, ou de determinar algum conhecimento objetivo sobre ele. Ao simplesmente subsumir o particular ao universal de modo subjetivo e hipotético, o conceito de finalidade estaria fadado a um abstrato que se concretizaria apenas em um particular, e jamais no todo, dada a instituição da razão cindida em Kant.

No texto *Finalitá e idea della teleologia di Kant*, Franco Chiereghin enfatiza que ao responder à teleologia kantiana, Hegel retoma alguns temas da filosofia aristotélica[23]. Ainda

[20] Márcia Zebina Araújo da Silva reconstrói as posições de Hegel e Kant e, com isso, contribui de forma significativa para elucidar o embate entre as ideias de ambos no texto **Teleologia circular**: a centralidade da vida em Hegel. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, vol. 7, n. 12, 2010, p. 76-90.
[21] HEGEL, CL, 2018, p. 215; GW 12, p. 155-156.
[22] HEGEL, CL, 2018, p. 215; GW 12, p. 155-156.
[23] CHIEREGHIN, F. Finalitá e idea della teleologia di Kant. La recezione hegeliana della teleologia di Kant. **Verifiche**, anno XIX, n. 1-2, Gennaio-Giugno, Trento, Esedra, p. 210, 1990. Zebina Araújo da Silva também

que Kant tenha desenvolvido de modo mais sistemático a ideia de vida ao se referir à finalidade interna, Aristóteles já apresentava um sentido próprio do conceito de vida que contivesse a ideia de finalidade interna e, por isso, está acima do conceito de *teleologia moderna* – temos esta menção diretamente no capítulo sobre a teleologia na *Enciclopédia das ciências filosóficas* – que, muitas vezes, volta a considerar apenas a sua projeção externa, finita. Após conceder a Kant, como mencionado anteriormente, o mérito de ter inaugurado a relação entre o conceito de finalidade interna e a ideia de vida, na *Enciclopédia* Hegel acrescenta que Kant apenas reconheceu a "sólida determinação"[24] que Aristóteles concedeu ao ser vivente, sobretudo ao fato de que esse ser opera segundo um fim. Para Aristóteles, mais especificamente no capítulo VIII do segundo livro da *Física*, existe uma certa analogia entre o fazer técnico da arte e a natureza: se a arte faz algo em vista de um fim, do mesmo modo, em linhas gerais, a natureza operaria em vista também de um fim. No entanto, como afirma Chiereghin, para reencontrar o fundamento da sólida determinação referida por Hegel, devemos ir além da analogia entre o operar técnico e as produções da natureza. O fundamental para Hegel, nos lembra o autor, é o *desvencilhamento* do conceito de *fim* daquele de intencionalidade ou de pensamento consciente, sem desconsiderar a existência real de um fim. Se Kant permaneceu preso à antinomia, Hegel reconhece, junto à tradição aristotélica, a *realidade objetiva* do fim não intencional, não amalgamado por um ser cujo entendimento é capaz de atribuir finalidades. Nesse sentido, o autor assevera que se costuma atribuir uma consciência na ideia de finalidade, pois o fim, sobretudo segundo a concepção moderna, vem acompanhado necessariamente de uma intencionalidade com capacidade de deliberação; há, em contrapartida, uma ideia de finalidade interna, a qual se constitui inteiramente na ideia do ser vivente, enquanto fim autônomo de si mesmo. [25]

Assim, temos aqui vários elementos que, juntos, constroem a saída proposta por Hegel e que nos apoiam ao analisar o lugar articulador da teleologia no âmbito da lógica: a finalidade reside na *concretude do universal* e neste âmbito já temos a particularidade e a exterioridade**.** Há, portanto, um conceito que se expressa objetivamente, ou seja: ele não deixa de estar no sujeito (enquanto um conceito concreto determinado através de si mesmo), mas também lida

demarca este tema no texto anteriormente mencionado. Para além disso, a autora também o desenvolve em sua tese de doutorado.

[24] HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio** (1830). Vol. 1: A ciência da lógica. Tradução de Paulo Meneses, com colaboração de Karl-Heinz Efken. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 342.

[25] CHIEREGHIN. Finalitá, p. 208-210.

com a objetividade externa, esvaindo do complemento simples imposto por um predicado. Nesse sentido, podemos perceber um conceito que não se fundamenta em um julgar reflexionante, mas em um silogismo livre que é o verdadeiro em si e para si, que julga objetivamente e determina a objetividade externa. O silogismo da teleologia está amparado sobre uma livre autossubsistência que se silogiza consigo mesma[26] e que se refaz continuamente, através da objetividade: "O conceito é, decerto, enquanto finalidade [*Zweck*], um *juízo objetivo*, em que uma determinação é o sujeito, a saber, o conceito concreto como determinado através de si mesmo, mas a outra não é apenas um predicado, e sim a objetividade externa".[27]

Podemos compreender, a partir de toda a contextualização exposta, que a estrutura mecanicista da natureza acaba por trazer consigo o caráter determinista que se arquiteta através das relações naturais operadas pela sua própria dinâmica. A teleologia, por outro lado, apresenta uma perspectiva que possibilita escaparmos do determinismo causal produzido pelo mecanismo e pelo quimismo e, assim, pensarmos a respeito da ação e do movimento do próprio conceito na esfera lógica e na materialidade: com isso, não apenas a liberdade, nesse momento em específico, se torna possibilidade, como é anteposto que ela está presente no acontecer do conceito mesmo, ou seja, no seu processo de realização no mundo. A articulação teleológica entre o subjetivo e o objetivo realiza o seu próprio desdobramento em direção à Ideia, próximo momento da *Doutrina do conceito*: em primeiro lugar, não temos, em nosso capítulo, um *fim* que se realiza enquanto somente determinação externa, como o que ocorre na intencionalidade própria de um arquiteto do mundo, ou de um entendimento superior, mas uma atividade que possui a capacidade de se realizar constantemente ao se determinar; em segundo lugar, o movimento, a atividade e a processualidade integrados ao conceito de teleologia nos remetem à compreensão de que este conceito carrega, no seu acontecer, a estrutura interna do conceito, enquanto

[26] Por silogismo, podemos recordar a descrição que Hegel apresenta na seção da subjetividade na *Doutrina do conceito*: "O silogismo é o conceito completamente posto; ele é, portanto, o racional - O entendimento é tomado como a faculdade do conceito determinado, que é fixado por si através da abstração e da forma da universalidade. Mas na razão os conceitos determinados estão postos na sua totalidade e unidade. O silogismo não é, portanto, apenas racional, mas todo racional é um silogismo." (2018, p. 135) Dessa forma, podemos pensar o papel do silogismo, no interior do capítulo estudado, como aquele que atribui ao conceito de teleologia a processualidade que o integra. Diferentemente do juízo, que acaba por imediatizar os elementos colocados, o silogismo realiza essa mediação entre as partes do conceito e com isso apoia, por assim dizer, a *atividade*, a *processualidade*. O *meio* do silogismo, como iremos abordar, por exemplo, é o resultado do *Universal* que mediatiza e se integra à totalidade. Esta relação dialoga diretamente com o aspecto *livre* do conceito, no qual a autodeterminação da teleologia se contrapõe ao mecanismo e ao quimismo.

[27] HEGEL, CL, 2018, p. 219; GW 12, p. 159.

motor de sua atividade. Trata-se, antes de mais nada, de um universal concreto, na contramão de um universal abstrato, que emprega em sua composição esta estrutura interna do conceito.

Existe, assim, uma configuração que compõe este desenho: uma estrutura silogística e, ao mesmo tempo e a partir dela, uma atividade em curso necessariamente teleológica: "A finalidade [*der Zweck*], pelo contrário, é o *universal concreto* que tem dentro dele mesmo o momento da particularidade e da exterioridade, portanto é *ativo* e *é o impulso de se repelir de si mesmo*".[28] Podemos interpretar, assim, que a teleologia julga objetivamente e determina a objetividade externa: em outras palavras, ela se define, para Hegel, não enquanto um simples juízo, mas um silogismo livre e autossubsistente, que se silogiza e se reelabora ao mergulhar na objetividade e dela retornar – a sua capacidade de atualização advém sobretudo deste escopo:

> Mas a relação de finalidade [*die Zweckbeziehung*] não é, por causa disso, um julgar reflexionante que considera os objetos externos apenas conforme uma unidade, *como se* um entendimento os tivesse dado em *benefício de nossa faculdade do conhecimento*, mas ela [a relação final] é o verdadeiro que é em si e para si, que julga *objetivamente* e determina absolutamente a objetividade externa. A relação de finalidade [*die Zweckbeziehung*] é, por causa disso, mais do que o *juízo*: ela é o *silogismo* do conceito livre autossubsistente que se silogiza consigo mesmo através da objetividade.[29]

Assim, a função da finalidade não se restringe a um certo tipo de juízo reflexionante – baseado em um fundamento subjetivo transcendental –, como em Kant, que reivindica a necessidade da realidade objetiva de um princípio para este ser integrado à faculdade de julgar determinante. Para Hegel, a ação da finalidade transborda a concepção de juízo: ao se constituir enquanto um universal concreto, que se refaz por meio de sua articulação com a objetividade externa – pois julga objetivamente e a determina –, ela realiza o silogismo e se silogiza consigo mesma. Ao mesmo tempo que guarda a estrutura silogística, uma ordenação sistêmica, esse conceito também preserva o movimento que se realiza através desta própria estrutura, concedendo então, a possibilidade de se atualizar. A concepção livre da própria teleologia reside, assim, nessa possibilidade mesma.

3. A atividade interna e a atividade externa da Teleologia

[28] ibid.
[29] HEGEL, CL, 2018, p. 219; GW 12, p. 159.

Hegel articula a finalidade enquanto uma verdade resultante do mecanismo e do quimismo. Diz o filósofo: "Na medida em que ela mesma [a finalidade] ainda está dentro da esfera da objetividade ou da imediatidade do conceito total, ela ainda está afetada pela exterioridade enquanto tal e tem diante de si um mundo objetivo com o qual ela se relaciona."[30] Assim, é no terreno da imediatidade e exterioridade que temos a finalidade externa, que se relaciona com o mecanismo e o quimismo, mas de modo elevado e em si e para si: a exterioridade, assim, é um momento fundamental para a finalidade, pois constitui a sua determinidade.[31]

O movimento da finalidade, no entanto, é orientado especulativamente e visa superar a pressuposição, ou seja, a imediatidade do objeto e, assim, colocá-lo enquanto determinado junto ao conceito. Em linhas gerais, podemos dizer que este movimento caracteriza um gesto negativo frente a si mesmo, pois trata-se de uma superação em relação à subjetividade da própria finalidade. Por outro lado, esse mesmo movimento já constitui a efetivação dela mesma: a unificação e reconciliação da objetividade com a teleologia. A atividade diante do objeto não se apresenta como algo exterior a ele, mas como o próprio processo de transformação e de transição da objetividade em direção à finalidade mesma. Hegel apresenta a teleologia como contendo nela um conteúdo que se expressa no *impulso* (*Trieb*) de sua própria realização, sendo que a determinidade dos momentos do conceito é a exterioridade; poderíamos considerar este um dos atos do conceito ao *se repelir de si mesmo*. Nas palavras do filósofo:

> A potência do fim [*Zweck*] sobre o objeto é essa identidade que é para si, e a atividade do fim é a manifestação dessa mesma potência. O fim como *conteúdo* é a *determinidade* que é em si e para si, a qual no objeto é como indiferente e externa; mas a atividade do fim é, por um lado, a *verdade* do processo e, como unidade negativa, o *superar da aparência da exterioridade*.[32]

Dada a inadequação destes momentos determinados, o conceito se repele de si mesmo e configura-se uma nova fase de seu conteúdo. Dessa maneira, o movimento realizado na interioridade do conceito expressa o que para Hegel seria a finalidade interna: é o motor que, relacionado à finalidade externa, desdobra o conceito e o movimenta em direção ao derradeiro de si mesmo, ao mesmo tempo em que o realiza. É na atividade teleológica, portanto, que o fim já

[30] HEGEL, CL, 2018, p. 220; GW 12, p. 159.
[31] Mais à frente, teremos um exemplo de determinidade enquanto movimento exterior da finalidade: a função do *meio* na estrutura silogística do conceito.
[32] HEGEL, CL, 2018, p. 228; GW 12, p. 166.

se constitui enquanto início e a consequência enquanto fundamento. Em outras palavras, a finalidade se encontra já na germinação daquilo que virá a ser, pois o que se realiza no mundo já contém nele mesmo a potência do seu atualizar-se e manter-se no processo do conceito. Significa dizer, assim, que podemos compreender o *fim* já no *início* daquilo que desponta no horizonte do conceito, porque o que se anuncia como início guarda o seu desdobramento. Nesta atividade,

> o fim *[Ende]* é o início, a consequência é o fundamento, o efeito é a causa, que ela é um devir daquilo que deveio, que nela vêm a existência somente o existente etc., quer dizer que, em geral, todas as determinações de relação que pertencem à esfera da reflexão ou do ser imediato, perderam suas diferenças, e o que é enunciado como um *outro*, tal como fim, consequência, efeito etc., na relação da finalidade [*Zweckbeziehung*] não tem mais a determinação de um *outro*, mas antes está posto como idêntico ao conceito simples.[33]

Sendo a atividade do fim a manifestação da *potência* que se realiza ao olhar para a exterioridade, a finalidade enquanto conteúdo determina a verdade que se processualiza, inscrita na estrutura silogística que a envolve. A racionalidade, assim, se expressa na mediação, no silogismo propriamente dito da atividade que abrange o conceito. O superar da aparência da exterioridade traduz o movimento de juntar-se à simplicidade do conceito, diluindo as diferenças, enquanto elas mesmas repõem o seu conteúdo em uma nova forma. A atividade que se torna visível é aquela que, no limite, já reside no interior do conceito, pois é a *verdade* do processo teleológico: o "devir daquilo que deveio", antes de expor alguma pretensa predeterminação, explora a realização de um movimento que tonaliza o interior do conceito e o lança à objetividade. O devir daquilo que deveio (*ein Werden des Gewordenen sei*) é a expressão da própria realização teleológica, em contato direto com a específica noção de *causalidade* que ela propõe; possibilitando, por assim dizer, o *trabalho* que o conceito tece internamente, em articulação com a objetividade.

Koch, na obra já mencionada anteriormente, enfatiza a diferença de causalidade que Hegel expressa em relação a Kant: é possível dizer que, na atividade da finalidade, a consequência assume o papel de fundamento e o efeito o de causa, uma vez que Hegel parte de uma estrutura silogística em que a causalidade final não coincide com aquela em que Kant se baseia.

[33] HEGEL, CL, 2018, p. 229; GW 12, p. 167.

A causalidade, que Hegel mobiliza, não está fundamentada analiticamente na concepção teleológica de Kant, do qual não abrange uma série de causas e consequências que não sejam sucessivas e necessariamente lineares. Trata-se, aqui, de uma estrutura causal própria: a causa contém a estrutura do que se desenrolará dela mesma; e simultaneamente, a consequência possui a capacidade de abarcar aquilo que a produziu. Essa causalidade, assim, contempla aspectos substancialmente diferentes das relações causais puramente mecânicas. A finalidade interna, nessa concepção, pode ser compreendida enquanto um eixo do conceito capaz de carregar uma forma autônoma de causalidade; que integraria, como mencionado anteriormente, o pressuposto para a realidade da finalidade externa. Assim, procurar compreender a relação de causalidade presente no interior da teleologia tomando somente como ponto de partida o elemento subjetivo, seria reduzir significativamente a extensão da finalidade e sobretudo a sua projeção interna, que se articula com o campo externo do conceito. Devemos considerar, segundo Koch, que a causalidade teleológica abrange aspectos diferentes das relações causais-mecânicas. De acordo com os argumentos acima anunciados – a concepção do "devir daquilo que deveio" e a perspectiva da consequência presente já no fundamento das coisas – nos aproximamos da interpretação de Koch, sobretudo quanto à não redução da relação de causalidade, no terreno teleológico, ao seu elemento externo imediato.[34]

Nas condições apresentadas, podemos dizer que o capítulo sobre a teleologia revela um processo especulativo que se ampara na transposição do conceito existente como conceito para a objetividade. Esse movimento para um outro é, ao mesmo tempo, o juntar-se do conceito consigo mesmo através de si mesmo. Em todo deslocamento, o conceito se conserva. Hegel exemplifica este "passar", este "deslocar", como a causa que se torna efeito, pois a causa, quando reside no efeito, se volta a si mesma: neste exemplo, a causa reside no interior do efeito e o efeito, por sua vez, já residia no movimento interior da causa. No processo teleológico, o conceito já existe enquanto causa, uma unidade absoluta, livre e concreta frente à objetividade e à sua determinidade externa – aqui está, de modo geral, a causalidade teleológica.[35] A exterioridade soerguida pela finalidade externa já está posta enquanto momento do conceito, en-

[34] KOCH. **Denken in Zwecken**, p. 208-209.
[35] Que poderia, certamente, ser mais desenvolvida. Neste texto, no entanto, não poderíamos solucionar a questão.

quanto um instante de diferenciação dentro de si mesmo. Isso implica dizer, assim, que a exterioridade é um momento do fim, que realiza a sua diferença interna e configura a sua determinidade.

a. O meio e o trabalho

No momento da imediatidade, a finitude da finalidade se encontra com o mecanismo ou quimismo e se submete à contingência e sucumbe à sua determinação. No entanto, faz parte também deste processo um movimento interno e imanente, próprio da finalidade interna. Em direção a isso, Hegel contrapõe a ideia de que a pressuposição em relação ao objeto por parte da finalidade seja feita de maneira arbitrária e, assim, temos a função do *meio* na discussão acerca da teleologia: "No entanto, que o fim se coloque na relação mediada com o objeto e interponha entre si e o mesmo objeto um outro objeto, pode ser visto como a astúcia da razão".[36] É desse modo que a finitude da racionalidade age e, no seu acontecer, se torna infinita, já que ao colocar "para fora" um objeto como o meio – na interação com outro objeto –, a astúcia da razão o faz trabalhar, abandonando-o ao desgaste de suas contradições enquanto se conserva por detrás deste mesmo objeto, configurando o que Hegel chama de *violência teleológica*.

Esse meio interposto pela finalidade é um meio-termo externo do silogismo, que é, como já mencionamos, a execução do fim mesmo. Na medida em que a finalidade exterior é finita, ela apresenta também um conteúdo finito. Hegel exemplifica esta consideração com a atividade do arado: "Na medida em que o meio é algo superior do que os fins finitos [*Zweck*] da conformidade exterior a fins [*äußeren Zweckmäßigkeit*] – o arado é mais honroso do que são, imediatamente, os proveitos que são proporcionados por ele que são os fins de fato". E acrescenta, logo depois: "A ferramenta se conserva, enquanto os gozos imediatos perecem e são esquecidos".[37] A partir destas ferramentas, do meio, por assim dizer, o ser humano possui um poder sobre a natureza, ainda que ele, antes, esteja ainda submetido a ela.

É através do meio que podemos conhecer, inclusive, a racionalidade presente no fim, que se conserva no externo. A partir da ferramenta do arado, seguindo o exemplo que Hegel expôs, podemos compreender a racionalidade colocada nele enquanto fim, ou seja, a sua própria finalidade: auxiliar o homem nos trabalhos da terra e gerar frutos para a sua subsistência. É

[36] HEGEL, CL, 2018, p. 227; GW 12, p. 166.
[37] ibid.

neste sentido, assim, no que concerne à finalidade externa, que o fim não apenas se esvai do processo mecânico, no sentido de que o supera, mas se conserva também no próprio processo mecânico e se torna a sua determinação. A atividade do fim é a manifestação da potência sobre o objeto que a teleologia contém e que reside no interior do conceito. O fim, enquanto conteúdo, é a determinidade que é em si e para si e que, no entanto, é indiferente e externo num primeiro momento.

Assim, o processo teleológico, enquanto atividade que se realiza exteriormente através do trabalho é também a tradução do conceito existente, enquanto um conceito na objetividade. É por esse ângulo interpretativo que Andreas Arndt[38] compreende o método expresso na Ideia absoluta e no conhecer enquanto integrantes da atividade teleológica. Isto se dá, segundo o autor, a partir essencialmente do trabalho. Isso significa que o trabalho do conceito se processualiza sob a figuração lógica do silogismo, na qual a ferramenta, o método, constitui o meio e, por isso, o mediador entre o sujeito e o objeto do trabalho.[39] O papel do meio, ou da própria ferramenta, integra uma importante ordenação, uma vez que supera a mera subjetividade; isso significa dizer que as ferramentas se preservam e efetuam a possibilidade de superação que o homem alcança frente à natureza. Ao utilizá-las, o homem imprime os seus propósitos na natureza e a domina, ainda que esteja sob os seus efeitos e sujeito à sua variabilidade. É nesse sentido, portanto, que a convergência do conceito de finalidade ocorre sob a estrutura silogística, em que o particular é relacionado ao singular pelo universal como termo médio. Para Arndt, ainda, apenas quando as mudanças antecipadas na forma do objeto forem objetivamente possíveis junto às características da ferramenta é que o sujeito pode se reconhecer e se encontrar na finalidade executada. O processo teleológico, enquanto atividade que se realiza também pelo trabalho é a tradução do conceito existente, como um conceito na objetividade; é através disso que temos a articulação do conceito consigo mesmo através de sua própria agência.[40]

Outra importante interpretação sobre o tema do trabalho na teleologia pertence a Jacques D'Hondt[41]. O filósofo apresenta a concepção de que o mediador capaz de introduzir a

[38] ARNDT, Andreas. **Die Sache der Logik**. Begriff und Realität bei Hegel. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2023.
[39] ARNDT. **Die Sache**, p. 89.
[40] ARNDT. **Die Sache**, p. 90.
[41] Sobretudo aquela expressa em seu artigo "Teleologia e práxis na "Lógica" de Hegel: D'HONDT, J. Teleologia e práxis na "Lógica" de Hegel. In: D'HONDT, J. (Org.) **Hegel e o pensamento moderno**. Porto: Rés editora,

finalidade no interior do próprio mecanismo é o gênero humano e esta mediação se realiza através do trabalho humano. É interessante pontuarmos que esta leitura acerca da finalidade externa e, sobretudo, da ação do homem na transformação dos objetos por meio do trabalho, realizando, assim, a finalidade colocada neles, ganhou relevo na literatura acerca do conceito de teleologia em Hegel. Em linhas gerais, a tese de D'Hondt se fundamenta na ideia de que o processo subjetivo do conceito teria a sua materialização a partir do trabalho realizado pelo gênero humano sobre os materiais presentes na natureza, dominando-os e fazendo com que estes atuem para o seu favorecimento, segundo a sua finalidade projetada. O produto da técnica humana, assim, apresenta uma finalidade externa, pois este *télos* pertence ao seu produtor, o gênero humano, que caracteriza o que chamamos de causa eficiente e para o quê Hegel chamará a atenção durante a sua exposição. Além disso, D'Hondt concede à teleologia um *lugar* na lógica hegeliana de mudança de sentido, de mutação e ligação entre dois extremos.[42] A teleologia hegeliana, para o autor, seria uma espécie de prática social e cultural. Aqui, ao dominar a natureza através do uso das ferramentas, simbolizada pelo *meio* da teleologia, o ser humano foi capaz de expandir os seus horizontes de trabalho e produção: para D'Hondt, Hegel analisa o *homo faber* no seu processo de ação, examinando, com isso, os fins e os seus meios a partir da elaboração do pensamento.[43]

Se podemos falar de uma certa *materialidade*, ao menos enquanto ilustração, presente no capítulo sobre a teleologia, devemos considerar que, para Hegel: "o que é utilizado para a execução de um fim [*Zweck*] e deve ser tomado essencialmente como meio, é meio de acordo com a sua determinação de ser consumido".[44] Hegel exemplifica a passagem caracterizando a determinação de alguns objetos por meio do seu uso e desgaste, como as pedras, as vigas ou rodas de uma certa construção ou um simples relógio; estes objetos cumprem o seu fim e são

1979, p. 17-24. A leitura de D'Hont influenciou largamente as interpretações seguintes sobre a figura do *trabalho* na lógica de Hegel. Um exemplo caro à nossa leitura é a reconstrução que Zebina Araújo da Silva realiza em sua tese de doutorado.

[42] Apesar da rica reflexão exposta por D'Hondt, não concordamos inteiramente com a proposição de que o capítulo da teleologia expõe apenas um "esquema" ou "esqueleto" do que ela significaria, devendo ao leitor a tarefa de "reunir as peças dispersas" na obra hegeliana e assim interpretar o seu sentido completo. Compreendemos que o capítulo em questão explora a *estrutura* interna do conceito de teleologia e que, antes de ser apenas um esquema passível de ser "aplicado" em outros textos hegelianos, Hegel apresenta o modo de funcionamento das finalidades, a sua articulação propriamente, e a sua relação com os objetos.

[43] D'Hont, **Teleologia e práxis**, p. 15-17.

[44] HEGEL, CL, 2018, p. 230; GW 12, p. 168-169.

consumidos através da negação daquilo que eles devem ser. Eles cumprem, dessa forma, o seu fim relativo ou servem, propriamente, enquanto meios para a finalidade se concretizar. Assim, os fins relativos ou os objetos tidos como meios possuem um conteúdo limitado por se relacionarem com a finalidade externa. Esse conteúdo limitado é inadequado à infinitude do conceito e esta mesma inadequação já expõe ao devir a determinidade imprópria, que perecerá necessariamente.

Nesse sentido, no esteio das leituras hegelianas, a diferenciação entre a finalidade externa e a finalidade interna é situada por Zebina da Silva também através de um retorno a Aristóteles. Segundo a autora, a finalidade externa refere-se a uma atividade técnica, na qual a causa eficiente atua, transformando o material e introduzindo nele a sua finalidade: "Enquanto a causa eficiente só se relaciona negativamente com o efeito, o fim é a causa que se relaciona negativamente consigo mesma e, nesta negatividade imanente, ao negar-se como causa e tornar-se efeito de si mesmo, se autodetermina".[45] Já o movimento da finalidade interna expressa não a atividade técnica, mas o sentido de fim enquanto simplesmente causa final, no qual algo torna-se algo que ele já era desde o início, conservando-se em todo o processo de formação, integrando aquilo que já residia no seu interior. Ainda para a autora, compreender o alcance especulativo do conceito de fim envolve necessariamente retornarmos à relação teleológica do trabalho, assim como vimos em D'Hondt, devido ao seu processo de elaboração externa e circunscrito de determinidade. O encontro entre o conceito e a objetividade reside na atividade do fim sobre o objeto, não enquanto suspensão, mas enquanto identidade do conceito sendo para si.

b. Os contornos da vida lógica

Nesse sentido, Zebina da Silva defenderá que o conceito de vida lógica será a melhor expressão da completude autotélica do fim.[46] A vida lógica contém em si a estrutura de determinação da vida orgânica e da vida do espírito, mas não deve ser confundida com elas: isso, pois no campo da *Ciência da lógica*, a vida lógica receberá a ação teleológica de relação própria da liberdade. Ela será, assim, a ideia na sua existência simples e imediata: "É mister entender a

[45] SILVA, M. Z. A. **A teleologia especulativa de Hegel**: vida lógica e vida do espírito (tese de doutorado). Unicamp: Campinas, 2006, p. 171.
[46] Ibid, p. 173.

Ideia como vida em sua totalidade, em seu acabamento perfeito, pois a ideia absoluta como unidade da vida imediata e da consciência nada mais é do que a vida em sua totalidade".[47] Dessa forma, o estudo acerca da finalidade interna, sobretudo, é orientado pela defesa da concepção de vida lógica, sendo ela o seu desdobramento imanente.

É na ideia da vida, para Zebina, que vemos por fim a mediação entre o universal e o particular. Esta é uma perspectiva que Koch também corrobora e que, ao nosso ver, situa o conceito de teleologia segundo o seu desdobramento especulativo, tecido na *lógica* de Hegel sob o funcionamento do movimento dialético. A finalidade interna, assim, se institui por meio de um silogismo que, através de um meio, permite uma relação entre a finalidade e sua realização. A teleologia, por assim dizer, concebe o encontro do conceito com o seu objeto; e nesta relação, na sua máxima potência de realização especulativa, reside a Ideia. Podemos considerar, de uma certa forma, que a teleologia consegue integrar a capacidade de anunciar um novo sentido contemplado pelo próprio conceito e, então, a sua atualização – que se relaciona diretamente com a perspectiva livre do conceito mesmo. Nesse contexto, a concepção de vida, objeto tão concreto como Hegel mesmo afirma,[48] não apenas evidencia os organismos vivos e o funcionamento geral das coisas no mundo, mas também o modo como a finalidade interna se expressa através deles; como um sentido interno é colocado nos agentes não pela pressuposição de um agente superior-arquiteto, mas pela necessidade teleológica contida no conceito de Ideia.[49]

A objetividade tratada, no entanto, não parte de uma objetividade múltipla e arbitrariamente agregada. Se existe uma objetividade da finalidade, ela deve ser unida à unidade do conceito; ideia importante para a nossa leitura. Compreende-se então que o objeto se determina por si mesmo da maneira como é determinado pelo próprio conceito, e não *como se fosse*, como a lógica transcendental kantiana interpreta, ou seja, segundo o juízo reflexionante. Hegel, assim,

[47] Ibid, p. 35.
[48] HEGEL, CL, 2018, p. 245; GW 12, p. 179.
[49] Esta é uma perspectiva também compartilhada por Myriam Gerhard. **Hegel und die Logische Frage**. Org. por Andreas Arndt, Myriam Gerhard e Jure Zovko. Band 6. Berlin: Hegel-Jahrbuch Sonderband, 2015. Gerhard concederá um espaço privilegiado à finalidade interna ao comentar que a finalidade externa capta parte do movimento da finalidade como um todo, e não a sua amplitude conceitual mais profunda, uma vez que nela o produto da sua atividade é somente um meio adequado que não consegue alcançar a objetividade, da qual o conceito exige na sua realização em direção à liberdade; o que se relaciona diretamente com a questão esmiuçada no presente artigo.

deseja conhecer as propriedades da natureza como imanentes a ela mesma, entendendo o mecanismo enquanto uma determinação externa e imediata. Podemos compreender o processo teleológico, nesse sentido, enquanto caminho que, ao acontecer e ao se realizar, apreende o retorno objetivo do conceito para si. O movimento da finalidade, ao fim, que também é o seu início, deixa de ser um dever ser e um esforço para se tornar uma totalidade concreta. É neste caminho que o conceito se torna a Ideia, conservando o caráter livre de sua existência.

Dessa forma, no processo do seu acontecer, este conceito permite pensarmos a passagem da subjetividade à objetividade: o movimento que transpassa a interioridade do conceito corresponde à sua própria atividade já teleológica. A finalidade exterior, na sua atividade, cria as condições necessárias para a agência do que é interno e, ao mesmo tempo, se interpenetra nele; do contrário, sem ele, ela orbitaria apenas a imediatidade. O terreno da finalidade exterior, ainda assim, compõe o conceito da teleologia enquanto unidade simples de si mesmo. Isto, pois o traço externo da teleologia é vislumbrado no funcionamento real e material do conceito, cujo movimento caracteriza já nele mesmo o caráter interno da teleologia. Junto a isso, e a partir da literatura de comentário abordada, a articulação interna da teleologia concebe o fim racional não como um resultado exterior, mas como uma determinação livre e recombinante por meio da objetividade, que se atualiza constantemente através do movimento de um para o outro no interior do conceito. Aqui, reside um horizonte para a possibilidade de resolução ou saída para a questão da liberdade na teleologia, em contraposição aos conceitos de mecanismo e quimismo.

4. Considerações finais

O presente texto teve como o objetivo examinar o conceito de *teleologia* na *Ciência da lógica* de Hegel, considerando a maneira pela qual esse conceito acessa a liberdade. A investigação presente propôs pensar, portanto, a atividade teleológica enquanto um "devir daquilo que deveio": a transformação daquilo que já se alterou e segue se modificando perante o objeto e reside na simplicidade do conceito. Buscamos no texto de Hegel as possibilidades interpretativas acerca do conceito de teleologia sob a problemática aqui apontada, com o objetivo de tecer um comentário sobre o capítulo estudado, tendo em conta principalmente, a discussão kantiana sobre o tema e a literatura de comentário produzida recentemente. Esse percurso, dividido em

três momentos no presente texto, teve como intuito permitir compreender o movimento do próprio conceito que vem a si mesmo na objetividade enquanto um processo de constante atualização.

Compreendemos, desse modo, que o capítulo da teleologia na *Ciência da lógica* não aponta para uma estabilidade plena, por assim dizer, mas uma instabilidade instaurada no próprio movimento concreto da sua atividade interna. Chamamos de movimento, pois o contrário do conceito colocado toma corpo e espaço a todo momento; concretude, pois as raízes dos conceitos se estruturam no pensamento e no mundo efetivamente. Assim, podemos entender como a teleologia incorpora as suas "clivagens" – sua atividade externa e interna – enquanto composição substancial da sua totalidade, e que, através disso, compõe o movimento da sua existência conceitual como um todo, amalgamado pela finalidade interna, sem marginalizar a sua atividade externa, relacionada especificamente à atribuição de sentidos externos ao objeto. Vimos, então, que a teleologia interna não termina a sua atividade em ato, mas comporta, por meio da finalidade externa, mudanças latentes em seu funcionamento: ela é, por assim dizer, pregnante da sua própria atualização, ao se articular com a objetividade. É, portanto, na relação entre a finalidade externa e a finalidade interna que os sentidos de ambas ganham vivacidade no interior do conceito. Estes sentidos se expressam nesta relação, pois estão essencialmente articulados logicamente. Significa dizer, assim, que o acento expressivo da teleologia é a sua própria articulação interna, a relação entre a finalidade exterior e interior. O significado não está colocado de forma posicional, mas está na própria relação.

BIBLIOGRAFIA

ARNDT, Andreas. Arbeit und Leben. **Hegel-Jahrbuch**, hrsg. v. Andreas Arndt, Brady Bowman, Myriam Gerhard und Jure Zovko, Berlin: Akademie Verlag, 2006, 312-316.

ARNDT, Andreas; CRUYSBERGHS, Paul; PRZYLEBSKI, Andrzej. Das Leben denken. Erster Teil. **Hegel-Jahrbuch**. Akademie Verlag: Berlin, 2006.

ARNDT, Andreas. **Die Sache der Logik**. Begriff und Realität bei Hegel. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2023.

CHIEREGHIN, Franco. Finalità e idea della vita. La recezione hegeliana della teleologia di Kant. **Verifiche**, anno XIX, n. 1-2, Gennaio-Giugno, Trento, Esedra, 1990, p. 127-229.

D'HONDT, Jacques. Teleologia e práxis na "Lógica" de Hegel. In: D'HONDT, J. (Org.). **Hegel e o pensamento moderno**. Porto: Rés editora, 1979. p. 9-38.

DÜSING, Klaus. Die Idee des Lebens in Hegels Logik. In: PETRY, M. J. und HORSTMANN. (Org.). **Hegels Philosophie der Natur**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1986.

GERHARD, Myriam. **Hegel und die logische Frage**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2015.

GIACCHÉ, Vincenzo. **Finalità e Soggettività, forme del finalismo nella Scienza della Logica di Hegel**. Genova: Pantograf, 1990.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**: 1. A doutrina do ser. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**: 3. A Doutrina do Conceito. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**. Volume I. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Wissenschaft der Logik**. Erster Teil: Die objektive Logik. Band 1: Die Lehre vom Sein. In: Gesammelte Werke, Bd. 8. Herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke. Hamburg: Meiner, 1978.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Wissenschaft der Logik**. Die Lehre vom Begriff (1816). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2003.

HENRICH, Dieter. **Die Wissenschaft der Logik und die Logik der Reflexion**: Hegel-Tage Chantilly 1971. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1978.

ILLETTERATI, Luca. **Vita e concetto**: Hegel e la grammatica del vivente. Artigo publicado na revista Il Pensiero revista di filosofia. LV, 2016/02, p. 59-95.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. Petrópolis: Vozes, 2001.

KANT, Immanuel. **Kritik der Urteilskraft**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1922.

KOCH, Karen. **Denken in Zwecken**. Hamburg: Felix Meiner Verlag. Hegel-Studien Beiheft 75, 2023.

NG, Karen. **Hegel's concept of life**: Self-consciousness, freedom, logic. Oxford: Oxford University Press, 2020.

NG, Karen. Life and the Space of Reasons: On Hegel's Subjective Logic. **Hegel Bulletin**, vol. 40, n. 1, Special Issue: Science of Logic, Apr. 2019. Cambridge University Press, p. 121-142. DOI: 10.1017/hgl.2018.15.

SILVA, Maria Zebina Araújo da. **A teleologia especulativa de Hegel**: vida lógica e vida do espírito. Unicamp, Campinas: 2006.

SILVA, Maria Zebina Araújo da. A vida do espírito. **Philósophos**, vol. 11, n. 1, jan./jun., 2006, p. 159-174

SILVA, Maria Zebina Araújo da. Teleologia circular*:* a centralidade da vida em Hegel. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, vol. 7, n. 12, 2010, p. 76-90.

SOUCHE-DAGUES, Denise. **Le cercle hégélien**. III. La Téléologie. Paris: P.U.F., 1986.

RECEBIDO EM 20/01/2026
ACEITO EM 17/08/2026